

PATOLOGIA FLORESTAL

— Principais Doenças Florestais no Brasil

FRANCISCO ALVES FERREIRA

— Eng^o Florestal, Professor de Patologia Florestal do
Departamento de Fitopatologia da Universidade Federal de Viçosa



032
F383
1989

VIÇOSA – MG.

1989

9. “BROWN BAST” OU SECAMENTO DO PAINEL DA SERINGUEIRA

Luadir Gasparotto¹

9.1. Introdução

“Brown bast” ou secamento do painel é uma doença fisiológica causada pela excessiva extração de látex no painel de sangria. Embora a doença não cause diretamente a morte de planta, ocasiona o secamento de parte de todo o painel, fazendo cessar a produção de látex (CHUA, 1967; PARANJOTHY *et al.*, 1976). Em estádios posteriores, em algumas árvores afetadas, o câmbio reage, regenerando nova casca muito irregular, retorcida e nodosa, impraticável para novas sangrias (CHUA, 1967; PARANJOTHY e YEANG, 1978). Desde o início do século que é considerada como um sério problema da seringueira, já que causa redução da vida útil do painel para produção do látex.

9.2. Sintomatologia

Nos estádios iniciais da doença, observa-se redução gradativa da exsudação de látex na extensão do corte da sangria. Muitas vezes, a árvore pode já estar enferma e ser observada exsudando látex em toda a extensão do corte, com o secamento confinado em alguns anéis de vasos laticíferos, situados em área de casca mais baixo daquela que está sendo cortada. Isso pode ser verificado raspando-se a casca, onde, às vezes, a poucos centímetros abaixo do corte de sangria, o secamento é constatado, associado a uma descoloração pardacenta da casca próxima ao câmbio. Entretanto, poucos dias depois, a área de corte de todo o painel pode vir a secar. O secamento rápido de extensa área de casca é uma característica importante desta doença. A descoloração mencionada também é muito característica. Ela é encontrada em torno dos vasos laticíferos, formando linhas marrons paralelas, ou manchas marrom-claras a marrom-escuras, que acompanham os anéis dos vasos. A pré-coagulação de látex no interior dos vasos laticíferos é o início da enfermidade. Todavia, outros fatores podem também induzir a essa pré-coagulação. No início da doença, os vasos mais internos, próximos ao câmbio, não são afetados, mas a redução de exsudação de látex acarretada pela enfermidade induz o sangrador a fazer cortes mais profundos, agravando ainda mais o problema (PARANJOTHY, 1980).

Tem-se verificado que o “brown bast” ou secamento do painel não passa de uma área de casca virgem para outra regenerada, acima do corte de sangria, nem de um painel para outro.

Uma consideração anatômica a respeito dos vasos laticíferos é importante

^{1/} Pesquisador em doenças da seringueira, EMBRAPA, CNPSD, Manaus, AM.

para tentar entender o confinamento da doença em cada painel. Os vasos laticíferos estão distribuídos em anéis ou grupos e praticamente não há conexão entre esses anéis. Há descontinuidade entre os vasos de uma área de casca que está sendo sangrada com os de outra área de casca regenerada do mesmo ou do outro painel, situado ao lado oposto do tronco. Isso porque a regeneração de casca dá-se, paulatinamente nos respectivos e diferentes tempos após os cortes de sangria. Supostamente, o "brown bast" ou secamento do painel é uma desordem fisiológica, que se origina nos vasos que estão sendo explorados (PARANJOTHY, 1980; MORAES, 1980). PARANJOTHY *et al.* (1976) sugeriram que o secamento de porção da área do painel seria decorrente da instabilidade funcional dos lutoídes e de outras organelas celulares, o que acarretaria, em última instância, a coagulação do látex dentro dos vasos.

Bem estabelecido está que "brown bast" ou secamento do painel é enfermidade de árvores em sangria. Tem-se verificado, experimentalmente, que a doença aumenta à medida que a sangria é intensificada, ou seja, pela feitura de cortes de sangria em intervalos de tempo demasiadamente reduzidos. Na indução da doença, a frequência de sangria é mais importante do que o comprimento do corte (CHUA, 1967). Além desse fato, a suscetibilidade clonal, deve ser também considerada. A título de exemplo, o clone RRIM 628 é mais suscetível à doença do que o PR 107 (PARANJOTHY, 1980). Acredita-se que essa diferença de suscetibilidade esteja relacionada com o índice de obstrução, particular de cada clone (MILFORD *et al.*, 1969).

9.3. Controle do "Brown Bast" ou Secamento do Painel

Tem-se recomendado a paralisação de sangria em árvores doentes durante seis meses a um ano, após o que o painel da árvore pode voltar a ser cortado a partir de 12 a 15 cm abaixo da área enferma (PARANJOTHY e YEANG, 1978). Estudo feito na Malásia, por esses pesquisadores, mostrou que apenas 14,5% dos painéis afetados se recuperaram após 12 meses de descanso, e 23% após três anos. Entretanto, mais de um terço das plantas recuperadas sucumbiu nos três anos subseqüentes de sangria. Isso suscitou dúvidas sobre o valor da paralisação da sangria nas árvores afetadas.

A paralisação do fluxo de látex na casca doente é conseqüente à coagulação do látex dentro dos vasos. Portanto, não se pode esperar restabelecimento em área de casca onde essa coagulação já se tenha iniciado. Pelo fato de a doença espalhar-se ao longo dos vasos laticíferos, PARANJOTHY e YEANG (1978) admitiram que esse espalhamento poderia ser impedido isolando-se a área de casca afetada por meio de sulcos profundos, executados com o auxílio da faca de sangria. Assim, poder-se-ia executar a sangria em áreas do painel isentas da doença, sem haver necessidade de parar a extração de látex para esperar a recuperação do painel, conforme mencionado anteriormente. Para isso, as plantas doentes devem ser detectadas o mais cedo possível, a fim de se ter maior chance de sucesso no isolamento de uma área afetada mais reduzida. Nesse trabalho, conforme esquematizado na Figura 73, fazem-se cortes verticais e superficiais na casca, a fim de visualizar a área lesionada. Em seguida, são

feitos os cortes AB, CB, DC e DA, aprofundadamente até o lenho, em área de casca sadia, procurando-se promover o ilhamento da área enferma do painel.

10. ESCALDADURA DO CAULE DA SERINGUEIRA

Luadir Gasparotto¹

A escauldadura causada pelo calor solar pode aparecer em mudas de viveiro e em plantios jovens, e leva ao apodrecimento dos tecidos, o que causa a morte da planta.

As maiores perdas se verificam em viveiros com menos de quatro meses de idade, principalmente os localizados em solos arenosos, e em plantios jovens com até 20 meses de idade, quando há facilidade da incidência direta dos raios solares sobre o caule ou reflexão destes pelo solo arenoso.

10.1. Sintomas

Em viveiro, aos poucos, as folhas e os ramos mais tenros e o restante do caule começam a murchar e perdem a turgescência, até secarem completamente. Na base do caule das plantas com este sintoma a casca se apresenta escurecida. Em plantios jovens, nas plantas afetadas surgem áreas necrosadas, voltadas normalmente para uma mesma exposição solar.

Nos tecidos injuriados vários fungos podem penetrar, acelerando o apodrecimento e circundando todo o caule até causar a morte da planta. As espécies de fungos associadas mais freqüentemente são: *Lasiodiplodia theobromae* e *Colletotrichum gloesporioides*.

10.2. Controle

Em viveiro, evitar capinas durante as horas quentes do dia próximo ao caule, pois a terra removida tende a escaudar o coleto. Na ocorrência da escauldadura em algumas plantas, as demais devem ser protegidas com cobertura morta em torno do coleto.

Em plantios jovens, como medidas preventivas, proteger o solo com plantas de cobertura; fazer apenas a desbrota sem remover as folhas presas ao caule, favorecendo o auto-sombreamento; e, durante a limpeza, fazer apenas o coarçamento em torno das plantas.

Ocorrendo a escauldadura, em plantios jovens, recobrir o solo em torno das plantas com cobertura morta. Nas plantas afetadas, remover, com auxílio de uma faca, os tecidos lesionados. Em seguida, por pincelamento, aplicar cobre oleoso ou outros cúpricos a 0,3% e proceder à caiação do caule de toda as plantas, a fim de evitar novas escauldaduras.

^{1/} Pesquisador em doenças da Seringueira, EMBRAPA, CNPSD, Manaus, AM.